

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
Departamento de Artes

ARTHUR DA ROSA OLIVEIRA

NÓS TEMOS ESSA ATITUDE: o Hardcore-Punk como produtor de identidades
subversivas

Niterói, RJ
2023


Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

O48n Oliveira, Arthur da Rosa
NÓS TEMOS ESSA ATITUDE : O hardcore-punk como produtor de
identidades subversivas / Arthur da Rosa Oliveira. - 2023.
41 f.

Orientador: Fayga Moreira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2023.

1. Hardcore-Punk. 2. Punk Rock. 3. Identidade. 4. Música.
5. Produção intelectual. I. Moreira, Fayga, orientadora. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

| | |
|---|--|
|  | <p style="text-align: center;">SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL</p> |
|---|--|

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao **oitavo dia do mês de dezembro do ano de 2023**, às **dez horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **NÓS TEMOS ESSA ATITUDE: o Hardcore-Punk como produtor de identidades subversivas**, apresentado por **Arthur da Rosa Oliveira**, matrícula **118033032**, sob orientação do(a) **Dra. Fayga Moreira**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Fayga Moreira**

2º Membro: **Dr. Felipe Trotta**

3º Membro: **Dra. Ana Enne**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

X Aprovado Reprovado

Com nota final após arguição: 9,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Presidente da Banca

“Sua raiva é um presente”
(Rage Against the Machine, 1994)

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| 1. AGRADECIMENTOS..... | p.4 |
| 2. INTRODUÇÃO..... | p.9 |
| 3. CAPÍTULO 1: HISTORICIDADE DO HARDCORE-PUNK..... | p.12 |
| 4. CAPÍTULO 2: HARDCORE COMO IDENTIDADE E ARTICULADOR DE NOVAS IDENTIDADES SUBVERSIVAS..... | p.25 |
| 5. CAPÍTULO 3: ANALISANDO AS CATEGORIAS DISPONÍVEIS E DEFRAGMENTANDO O SUJEITO..... | p.32 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | p.40 |

AGRADECIMENTOS

O Afeto é tudo que nos envolve. Afeto é memória. Afeto é glória mas também aquilo que aprendemos com as nossas falhas. Afeto é sorrir mas também é chorar. Afeto é cura.

Gostaria de começar agradecendo a todo corpo docente do Instituto de Artes e Comunicação Social. Agradecimentos especiais à Wallace e Tetê, cuja os ensinamentos foram importantes não só na minha formação como profissional de Produção Cultural, mas também na minha formação como ser humano. Também agradeço à professora Fayga, que em pouco tempo me ajudou a me reencontrar com a minha escrita e me proporcionou completar o trabalho que aqui se encontra.

Agradeço a todos os meus colegas do curso de Produção Cultural. Em especial: Letícia, Lucas Inácio, Renato e Julia. Vocês são inspiradores.

Agradecimentos à professora Vanusa, à Giordana Moreira e Luciano Paz, que desde que eu os conheço, sempre foram inspirações no mundo da Produção Cultural. Com Vanusa, aprendi que ter paciência e respeitar os processos são atos mais importantes do que progredir sem aprendizado. Com Giordana, aprendi observando-a trabalhar, como uma pessoa deve se portar quando carrega consigo a alcunha de Produtor Cultural. Posso dizer o mesmo para Luciano, porém, além disso, aprendi com ele o que é fazer parte de algo muito maior do que os nossos limites de compreensão. A Tomarock Produções foi e sempre será um afago no coração dos jovens da região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Abro um espaço nesse local destinado a agradecer aos meus mestres para agradecer à minha prima Luiza Oliveira por ser a minha professora de vida. Graças a você eu consigo ser cada dia mais o que eu quero ser. Obrigado por acreditar em mim, prima.

Meus próximos agradecimentos são a todos os meus amigos e familiares:

Começo agradecendo à Mirella Souza, que além de uma grande amiga, sempre aceitou e acolheu todas as minhas loucuras! Sejam elas possíveis ou não. Foi extremamente prazeroso realizar tudo o que realizei ao seu lado, amiga! Sei que ainda conseguiremos dominar o mundo, um passo de cada vez.

Agradeço aos meus amigos Marcos Gabriel Faria e Elvis Gomes por me ensinarem que somos capazes de realizar o que quisermos se o fizermos com amor e dedicação. Eu que queria ser como vocês!

Agradeço à instituição que norteou a minha escolha de curso e a todos que dela fizeram parte. A Valente Records nunca vai acabar enquanto meu coração bater.

Agradeço a toda equipe do Caxiense F.C., e a todos que tornaram essa minha ideia possível. Caso o cinema nacional um dia dependa de todas as pessoas que nos ajudaram a realizar esse curta, eu posso dizer com tranquilidade que ele estará em boas mãos.

À minha amiga Milena Batalha eu agradeço por me ensinar que tudo é possível. Você produz coisas que vão ficar pra sempre na memória da cultura brasileira, e isso é lindo! Nenhum outro sobrenome caberia melhor à você.

À Clarinha Bastos, eu agradeço pela sinceridade, amor e compaixão. Essa sim é uma das pessoas mais afetuosas que eu conheço e a ela eu devo tudo de bom que sai de mim. Obrigado por todas as noites de conversas, por todas as vezes que você me acolheu em sua casa. Se não fosse por você não seria possível concluir esse curso. Obrigada por me ajudar a realizar meu sonho de ter uma banda com meus melhores amigos. Tenho certeza que o futuro lhe guarda excelentes experiências seja no universo acadêmico ou no universo da arte. Nos dois, conte comigo sempre!

Ao Matheus Oliveira, eu agradeço por ser um exemplo de disciplina, paixão, comprometimento e amizade. Obrigado por todas as vezes que você segurou todo o peso da minha existência em seus braços mesmo sabendo que seria difícil suportar. Por você, eu espero sempre conseguir fazer exatamente o mesmo. Quem tem um amigo tem tudo, quem tem um Matheus tem muito mais que isso. Repito aqui meus agradecimentos por fazer parte do meu sonho.

Esses dois últimos são, além de tudo, exemplos de perseverança. Não são todos que têm o privilégio de ter amigos que aprenderiam um instrumento musical do zero apenas para fazer parte de momentos especiais da vida de seus iguais. Eu amo muito vocês!

Ao Pedro Gustavo eu agradeço por sempre estar presente e ser um exemplo de pessoa calma e amorosa. Estar ao seu lado é sempre confortável. Obrigado pelo bom humor, pela empatia, pelo cuidado e por compartilhar a mesma paixão pela música que eu. Juntos nós ainda viveremos momentos de farta alegria com a nossa banda. Mesmo que não consigamos dominar o mundo, do seu lado eu já me sinto como se já tivéssemos concluído essa missão. Eu te amo, amigo.

Ao Vinicius Cardoso eu agradeço pela paciência e pela generosidade. Obrigado por sempre ser o primeiro a me responder quando preciso de alguma opinião ou ajuda. Obrigado também pelo bom humor, eu sou muito feliz ao seu lado. Que você seja sempre essa pessoa de energia leve e que nos enche de amor no coração. Parafrazeando você mesmo, é difícil encontrar pessoas que me trazem calma como você.

Nós sempre seremos a Sta. Rosa, não importa onde e não importa quando. A Sta. Rosa é esse amor fraternal que compartilhamos uns pelos outros.

À Ivna Menezes eu agradeço pela eterna fraternidade e carinho que existe dentro dela. Uma mulher firme, amiga e gentil, mas que nunca deixa ninguém passar por cima de seus princípios. Obrigado por simplesmente existir. Existem momentos que eu nunca vou esquecer. Quem diria que um simples bottom roubado do "Iron Maiden" criaria um dos elos mais fortes e duradouros que um rapaz poderia ter. Eu sempre vou te amar como eu amo

minha família. Você tem a capacidade de encarar o mundo de frente sempre com um sorriso no rosto. Você é inspiradora!

Ao Gabriel Vianna eu agradeço pelo carinho e por continuar sempre ao meu lado nos momentos mais fáceis e nos momentos mais difíceis. Mesmo quando as circunstâncias apontaram para outra direção, você sempre nadou contra a maré para continuar presente. Você é uma das pessoas mais amorosas que eu já conheci, mesmo que repitamos pouco isso um pro outro. Essa mesma perseverança é a que fará você conquistar todos os seus sonhos. Pode contar comigo sempre!

Ao Thales Oliveira eu agradeço por ser um exemplo não só de profissional, mas de ser humano. É inspirado na vontade do Thales de consertar o mundo que hoje eu consigo encontrar força para tentar fazer o mesmo. Se não fosse pela sua influência esse trabalho jamais seria feito. Essa é uma das maiores marcas positivas que você deixou em mim. Obrigado por compartilhar suas histórias comigo. Seguirei sempre organizando meus sentimentos assim como você mesmo escreveu no presente que junto de outros amigos você me deu.

À minha amiga Júlia Freire eu agradeço pelos conselhos e por estar sempre presente. Se tem alguém que eu sei que eu posso contar nos momentos bons e ruins é você, amiga. Obrigado pela escuta e pela inteligência que você me dá todo dia por simplesmente coexistir comigo. Você é uma menina de ouro. Obrigado por me ensinar a perseguir meu caminho apesar do custo, e por me ensinar a como me encontrar cada dia mais (ou a como me desperder, como diria sua banda favorita).

Ao Bruno Fernandes eu agradeço pela sensibilidade e pela disposição. Obrigado por usar esses dois atributos para nos ajudar a encontrar a cara dos nossos sentimentos. Pode ter certeza que, se as lembranças no disco da nossa banda não doem mais, é porque você deu um novo rosto a elas.

Agradeço a Eloá Tavares por ser uma das amigas mais carinhosas e sensíveis que eu tenho. Com você eu aprendi a enxergar a vida com otimismo. Te amo, amiga.

Agradeço a Bianca Mota por me ensinar o que é a compaixão e o amparo, mesmo nos momentos em que vacilos acontecem. Amo você também amiga.

Agradeço a Clá Gouveia por ajudar a compreender o que é o amor e o que é amar, e consequentemente, o que é Afeto. Eu te amo, e a sua força me inspira. À Renato Mendes eu agradeço por me ensinar a pôr coleira na amargura. À Mariana Andrade eu agradeço por me inspirar a ser uma pessoa criativa.

Agradeço à minha amiga de vida Laura Grazielle por ser uma das pessoas mais fortes do mundo e também uma de minhas melhores amigas. Eu aprendo com você mesmo à distância. Agradeço ao acaso que trouxe ao mundo o presentinho que é a Ellenzinha. Eu espero conseguir acompanhar todos os seus passos.

Agradeço também à Igor Maciel, Bárbara Martins, Cezar Paiva, Felipe Klimroth, Giulia Souza, Bruna Manga, Gabriel Pontes, Marcelo Novello, Marília Thibau, Letícia Santiago, Gabriel Ventura e Louise, Gabriel Noboa, Luiza Albuquerque, Laiz Menez, Ana Luiza, Yuri Gomes, Marizinha e Samantha Condessa. Tenho certeza que nas palavras que escolhi pras pessoas acima vocês também se encontram.

Agradeço a Fernando Ebert por ser um amigo carinhoso e um exemplo de chefe competente.

Agradeço também à Nelson e Simone Freitas por serem excelentes produtores culturais e por me ensinarem tanto em tão pouco tempo.

Agradeço à minha mãe, Therezinha da Rosa Oliveira, por ser a minha referência de cuidado, carinho e amor desde que eu nasci. Se eu pudesse eu viveria com você toda a minha vida novamente só para ouvir todos os seus conselhos. Graças a você eu me sinto seguro nesse mundo.

Agradeço ao meu pai, Celso de Jesus Oliveira, pelo mesmo, mas também pela disciplina e por me ensinar o que é o amor nas suas mais variadas formas. Eu fico feliz de ter vivido tantos bons momentos ao seu lado e de saber que ainda viverei muitos outros.

Aos meus pais eu devo o mundo.

Agradeço a todos os meus primos por fazerem minha vida e minhas lembranças serem as mais divertidas possíveis. É o maior prazer do mundo presenciar vocês crescendo, amando, casando, trabalhando, se divertindo, enfim, existindo. Vocês são uma potência.

Agradeço a todos os meus tios e tias que se encontram nesse ou no outro plano. Sem vocês a vida não teria graça.

Agradeço à minha afilhada e prima Helena por me ensinar a querer ser um exemplo. Eu espero ainda te fazer sorrir muito.

Agradeço ao meu irmão, Rubens da Rosa Oliveira, por crescer junto comigo e por cada dia mais me inspirar a ser uma pessoa perseverante! Pode ter certeza que um dia você irá realizar todos os seus sonhos. E você é artista sim! Não deixe de acreditar nisso.

A Stela Carneiro da Rosa Klier de Melo eu agradeço por ser a irmã que eu sempre quis. É impressionante como uma pessoa 6 anos mais nova que eu consegue me ensinar todos os dias a ser uma pessoa melhor. Você é capaz de tudo nessa vida, e sempre que você precisar eu vou estar ao seu lado.

Agradeço ao Fluminense Football Club e ao G.R.E.S. Grande Rio, por terem sido minhas primeiras referências de cultura em meu território.

Agradeço à toda equipe do Palácio Tiradentes por ter sido a minha segunda casa durante os meus 2 anos de estágio.

A todos que me atravessaram durante todos esses anos dentro da Universidade Federal Fluminense, o meu muito obrigado.

Atenciosamente,
Arthur da Rosa Oliveira.

INTRODUÇÃO

A cultura é dinâmica. Essa afirmação é unanimidade entre diversos pesquisadores que estiveram presentes na formação acadêmica do indivíduo que aqui escreve. O dinamismo inerente a esta palavra tão complexa e significativa se expressa tanto na capacidade de mutabilidade de costumes e éticas culturais quanto na ramificação desses costumes em novas formas de cultura. Ambos os processos estão diretamente ligados com o tema do trabalho que aqui se encontra. Os exemplos são claros: um se expressa na criação de movimentos de contracultura; o outro, na criação de novos gêneros musicais a partir de um só. Falando um pouco sobre o segundo fenômeno referente ao dinamismo da cultura, o Rock'n'Roll, por exemplo, é um gênero musical que tem sua criação referenciada à ilustre irmã Rosetta Tharpe, que na década de 1920 tocava o seu Blues com tanta emoção e velocidade, que acabou assim criando o novo gênero. Do próprio Rock'n'Roll vimos surgir novas formas de se expressar o mesmo som, duas claras amostras são o Metal e o Hardcore. Do Metal e do Hardcore o mundo viu surgir novos gêneros musicais, e assim, novas culturas e costumes vão se estabelecendo e se fixando ao redor desses gêneros.

Desde a adolescência, sempre ouvi e participei de atividades relacionadas ao Heavy Metal, tendo como principais referências as bandas de Thrash-Metal Slayer e Metallica. Porém, com o passar dos anos, conforme fui atingindo determinado amadurecimento e construindo aos poucos minha identidade e opiniões, ao mesmo tempo que o país e o mundo foram presenciando grandes polarizações políticas, fui percebendo que os atores sociais (tanto artistas quanto as pessoas do meu meio de convívio) daquele movimento que eu me sentia parte, foram revelando opiniões e atitudes contrárias a aquilo que eu acreditava. A defesa do porte de armas autorizado para a população em geral, ataques a grupos feministas, o negacionismo científico às vacinas, e as mais variadas opiniões maléficas à sociedade no geral foram me desmotivando a continuar a fazer parte deste movimento. O espectro político que eu sempre me identifiquei é completamente pautado em opiniões que prezam pelo equilíbrio e bem estar das categorias sociais. Outro fator que sempre me incomodou também, é que, quando não declaradamente “de direita”, as pessoas nesse meio de convívio sempre diziam-se isentas de opinião política. É importante ressaltar que esses relatos são de experiências pessoais e não tem a intenção de generalizar todo o movimento do Metal, existem muitos artistas deste gênero musical que são ativos em causas políticas importantes. Além disso, vale pontuar que venho da cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, uma região do estado do Rio de Janeiro cuja atuação de políticos que figuram partidos declarados de direita é muito presente. Porém, essas experiências me fizeram me afastar um pouco do estilo musical e explorar outras

vertentes, inclusive me envolvendo com o cenário de bandas de Indie Rock e Rock Alternativo do Rio de Janeiro.

Foi conhecendo novas experiências no mundo da música que tive contato pela primeira vez, no ano de 2017, com o Hardcore, indo a um show da aclamada banda brasileira Dead Fish. Esse novo movimento que se apresentava para mim através de uma banda com músicas de aberto protesto político, com letras que versam o anti-imperialismo e citam honrosamente movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), viria para cobrir o espaço deixado pelo Metal. Pouco tempo depois, descobri que a inflexão do Metal que mais me impactava (o Thrash Metal) era apenas a união entre Metal e Hardcore e, assim, tudo fez ainda mais sentido na cabeça deste jovem que, aos 17 anos, estava (e ainda continua) se descobrindo em meio a múltiplas referências disponibilizadas pela tecnologia da Geração Z.

O trabalho aqui apresentado usará da experiência pessoal do autor, como um indivíduo que frequenta há 6 anos eventos e shows de bandas de Hardcore, para conseguir exemplificar as ideias através da observação participante realizada durante todo esse período indo a shows e conhecendo cada dia mais o Movimento Hardcore. Também será utilizada uma entrevista realizada com a banda de Hardcore/Straight Edge do Rio de Janeiro Clava.

É importante também ponderar que os locais sob os quais serão falados aqui (que seriam as periferias urbanas dos EUA e do Brasil) vivem sobre o contexto histórico e cultural da colonização. Com isso, se quer afirmar que a “forma de organização da energia humana” (HALL, 2003) que rege as vivências dentro destes dois países foram impostas por um processo ditado violentamente pelas forças e poderes dos países colonizadores. Dizer isso, implica dizer que o sistema econômico tão criticado pelas bandas e simpatizantes do movimento cultural aqui analisados também foram impostos, e a forma como esse sistema determina a vida das pessoas precisa imediatamente ser revisada e readaptada para um contexto onde a democracia racial, de gênero, de sexualidade e de classes sejam uma realidade.

Diante destes fatos, me vi curioso a descobrir os fatores que fazem com que essas culturas sejam repetidas por um número cada vez maior de pessoas, criando assim toda uma gama de costumes e tradições em torno daquela forma de organização da energia humana. Me vi curioso também para relatar os fatores que causam a sensação de identificação com aquela nova forma de cultura, modo de vida e ideologia.

No primeiro capítulo, será jogada luz sobre a história do Hardcore, tanto no seu país de origem quanto no Brasil, mostrando a importância do discurso anti-conservadorismo e anticapitalista que o movimento trouxe para a música daquele período. O Punk surge na década de 1970, nas periferias de Nova York e Londres, por jovens descontentes com o

cenário político de ascensão conservadora que prevalecia na época. Esse cenário somado ao desemprego, a discriminação, as barreiras impostas em razão da classe social, o descrédito em possibilidades de melhorias e a repressão conservadora são elementos importantes para impulsionar a rebeldia desses jovens. A ideia era transgredir as normas sociais através de uma sonoridade barulhenta e músicas que liricamente citavam tabus sociais e confrontavam a dinâmica hegemônica da sociedade.

No segundo capítulo, o trabalho se preocupará em apresentar, explicar e compreender a questão da identidade relacionada à cultura do Hardcore Punk tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, a fim de informar o leitor sobre as dinâmicas sociais existentes dentro do Movimento Hardcore.

E por fim, em um terceiro capítulo, serão analisadas mais a fundo as letras de algumas bandas que o autor considera relevantes para o cenário nacional do Hardcore a fim de demonstrar as categorias linguísticas disponibilizadas por este relevante movimento que, em escala internacional, se notorizou como um aliado das lutas sociais.

Historicidade do Hardcore-Punk

Como já dito, a história do Hardcore se confunde muitas vezes com a história do movimento punk. Não existe um consenso histórico sobre suas origens, mas a temporalidade indicada pela maior parte das bibliografias sobre o assunto apontam os anos 70 como o ano de nascimento do punk rock. Como já dito anteriormente, a filosofia se espalhou facilmente entre jovens brancos da classe operária dos Estados Unidos e da Inglaterra que queriam uma alternativa aos movimentos contraculturais da época, sobretudo aos hippies¹. Como aponta Gallo² (2010):

O punk, ao invés de apresentar-se como continuidade com um suposto movimento de jovens anterior, se reporta a ele essencialmente como ruptura, mesmo reconhecendo tributo a certas matrizes consolidadas na geração anterior, em música, em literatura e comportamento. Descrente dos valores do amor, da amizade e da esperança, dos quais se tornaram incrédulos pela própria força avassaladora do capitalismo na sua versão neoconservadora, assumiam em revanche, uma atitude violenta e irreverente (GALLO, 2010, p. 287).

Gallo também evidencia que, na sua origem, o movimento punk não levantava bandeiras partidárias ou se identificava com alguma doutrina, tratava-se de uma indignação coletiva de jovens com a promessa que o sistema vigente fazia e com a falta de entrega desta mesma promessa. A autora também indica um possível fator responsável pelo surgimento de movimentos contraculturais depois da metade do século XX. O crescimento da classe média intelectualizada na década de 60, teve como consequência o aumento e também aprimoramento das críticas ao sistema vigente fazendo com que:

A consciência acerca dos problemas políticos e econômicos contemporâneos proporcionou a estes jovens os instrumentos necessários a uma contestação das pilastras de sustentação do capitalismo, a começar pela recusa aos valores burgueses da família, da disciplina do trabalho e da moral sexual e daí teriam passado à reivindicação do direito à liberdade e do direito a fazer as próprias escolhas de vida. (GALLO, 2010, p. 284)

A adoção de um visual chocante que também cumprisse o papel de romper com as normas vigentes foi um fator que se espalhou rapidamente popularizando o uso de calças rasgadas, cintos de rebite, cabelos desgrenhados ou moicanos (símbolo da luta dos povos indígenas norte-americanos contra o colonizador). O embrião desse estilo visual

¹ Os hippies foram um movimento de contracultura que pregava o amor livre, o respeito à natureza, ao pacifismo e à uma vida mais simples, sem preocupações consumistas. Essa filosofia era contestada muitas vezes pelo Punk. Não por seus ideais, e sim por sua renúncia à violência e à raiva como uma arma política.

² Doutora em história pela Universidade Estadual de Campinas. Escreveu textos sobre a historicidade do movimento Punk.

diferenciado pode estar na influência que o Teatro do Ridículo tinha sobre jovens de Nova Iorque na década de 60. O teatro era conhecido por ser irreverente, onde homens se apresentavam com indumentárias consideradas femininas, maquiagens e glitter. Nesse contexto estava, por exemplo, a banda Proto-Punk³ New York Dolls.

Uma parte dos autores que escreveram sobre o assunto indicam que o Punk Rock surge nos Estados Unidos sob influência de bandas consideradas Proto-Punks como The Stooges e The Velvet Underground. Estas bandas teriam influenciado a emergente Ramones, que lançou seu primeiro disco no ano de 1976, iniciando de vez uma revolução na música Rock'n'Roll. A Inglaterra também é apontada como um território relevante para a popularização da cultura, principalmente por conta do empresário Malcolm McLaren⁴ e seu trabalho na projeção dos Sex Pistols.



Figura 1: A banda nova iorquina Ramones.

³ Proto-Punk é uma denominação utilizada para bandas anteriores ao movimento Punk, que foram referências para a sua criação.

⁴ É um consenso entre diversos autores, considerando a bibliografia analisada, que McLaren teve influência direta na popularização do Punk após analisar, em uma viagem aos Estados Unidos, os costumes e gostos dos jovens locais.

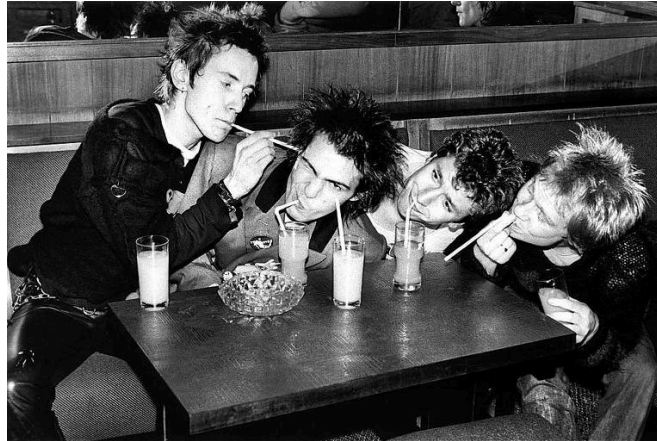


Figura 2: A banda londrina Sex Pistols.

O Punk Rock era “o uso imediato do instrumento” (CAIAFA, 1985)⁵. A intenção era se opor ao Rock Progressivo⁶, que possuía longos solos de guitarra e alta complexidade sonora. O som era direto, reto e agressivo, com músicas mais curtas, mas não vazias de conteúdo. Porém, aquilo que se iniciou como uma recusa ao Rock convencional e complexo, altamente comercializado na época, viu, no final dos anos 70, o movimento perder forças com as grandes gravadoras aderindo àquele som, tornando-o apenas mais um novo produto nas prateleiras do mercado musical. Foi nesse período que artistas da chamada New Wave⁷ começaram a pipocar no mundo da música, criando as condições para que, a partir da indignação com o esvaziamento do Punk Rock, surgisse o Hardcore.

Todo mundo estava nessa, tipo: “Olha nós temos um carro novinho em folha...”, “Eu tenho o cabelo da moda”, “Olha minhas roupas”, “Aqui, quer um pouco de cocaína?” ou “Estamos bebendo espumante”, e esses tipos de porcaria. [...] Eram todas bandas prontas como: Journey, The Eagles ou Fleetwood Mac. Eram excelentes bandas para o que eles faziam, mas quando você ouve isso de novo e de novo você vai querer vomitar, ou se jogar de um penhasco, se jogar em frente a um ônibus. [...] As músicas que tocávamos, as letras que escrevíamos, não tinha nada a ver com aperto de mãos, sorrisos e pulinhos no pôr do sol. (Keith Morris, Circle Jerks, ex Black Flag. American Hardcore, 2006)

O “laboratório” em que as condições estabelecidas criaram um ambiente propício para o surgimento desse movimento contracultural foram as cidades, portanto, pode se

⁵ Janice Caiafa é mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Antropologia pela Universidade de Cornell. Escreveu um livro chamado “Movimento Punk nas cidades: a invasão dos bandos sub”, onde analisa, através da observação participante, os grupos de jovens Punks do Rio de Janeiro.

⁶ Vertente do Rock caracterizada por músicas de grande duração com determinada complexidade técnica e teórica na composição das melodias e letras.

⁷ Denominação dada a artistas pop, com leves influências do movimento Punk (principalmente na visualidade) que surgiram entre os anos 70 e 80.

afirmar que o Punk e o Hardcore são fenômenos inerentemente urbanos. O Punk já apresentava no seu lirismo o descontentamento com a realidade social, principalmente nos movimentos surgidos nos bairros de menor poder aquisitivo dos Estados Unidos. Porém, o novo Punk Rock que estava nascendo no final dos anos 70 e início da década de 80 viria para mudar tudo.

O Hardcore-Punk nasce para ser o sequestro relâmpago da música daquele período. Tudo se intensifica neste novo horizonte que se abre no universo Punk. As críticas são mais ásperas, o som é mais rápido e o vocal é mais agressivo. As primeiras bandas de Hardcore tinham em seu repertório letras que versavam sobre o desprezo ao “sonho americano”, e tentavam transmitir de forma crua a realidade nem um pouco glamurosa dos jovens que a cantavam. Os Estados Unidos do início dos anos 80 estavam passando por um período de economia insatisfatória, com o desemprego e a inflação em alta. Ronald Reagan⁸, assumindo a presidência no ano de 1981, representava a ascensão do conservadorismo frente ao caos social que o país se encontrava. Seja nas letras de algumas músicas (como “Fucked Up Ronnie”, de D.O.A.⁹ ou “Gone With My Mind”, do Dead Kennedys¹⁰) ou em cartazes de shows, o cenário Hardcore dos anos 80 sempre demonstrou aversão à figura do então presidente. Esse fato demonstra a forte conotação política que o movimento havia de acentuar dentro do cenário das bandas Punks daquele período. Com o tempo, o Hardcore-Punk se dissocia do Movimento Punk se tornando um só. Punk é punk e Hardcore é Hardcore:

Pra mim o Punk era um portal para a contracultura. Este era o meu lugar. [...] Mas Punk-Rock naquela época estava mais ligado somente ao Sex Pistols e ao Sid Vicious. Mas o Sid Vicious era um junkie niillista, e nós não. Então a gente estava tentando conseguir o nosso espaço, e a gente disse: “Não! Nós somos Hardcore-Punk”. (Ian MacKaye, ex-Teen Idles, Minor Threat. “American Hardcore”, 2006)

A performance das bandas em cima do palco exalavam uma energia que atingia a todos como uma doença que se manifestava na forma de movimentos desordenados e todo o público dançava junto se esbarrando e se batendo, como se não fosse possível se conter. Nascia assim o *Mosh Pit*, que no Brasil é conhecido como Roda Punk. E se tratando dos shows, a separação entre banda e público é algo que se define apenas pela ação realizada por cada ator dentro do ritual ali estabelecido. A banda é apenas o vetor que transmite a música para o público, não há uma glorificação a quem faz isso. É claro que existe

⁸ Quadragésimo presidente estadunidense, do partido Republicano. É lembrado na história por sua política conservadora nos costumes e liberal na economia.

⁹ Banda canadense de Punk e Hardcore-Punk que ficou conhecida no cenário nos anos 80.

¹⁰ Banda californiana de Hardcore-Punk bastante popular entre os adeptos do movimento.

admiração com aqueles que estão se apresentando, mas não existe um sentimento de espetáculo e tão pouco há uma sacralização do palco o tornando um lugar intocável e passível apenas de ser atingido pela visão. Uma prova disso é quando repetidas vezes pessoas sobem ao palco para se jogar em direção à plateia para que os mesmos o carreguem no ar o máximo de tempo possível. Trata-se do *Stage Dive*, uma prática recorrente em shows e popularizada pelo Hardcore. Em todo lugar do mundo que possua um cenário musical com bandas do estilo, pode ter certeza que assim será o show das mesmas.



Figura 2: Cartaz de um show de hardcore com o rosto de Reagan.

O objetivo não era sucesso, dinheiro ou glamour. O Hardcore, na verdade, se entendia como uma antítese a todos esses fatores. Seus integrantes entendiam que aquele universo criado estava longe de qualquer tentativa da lógica do capital se apropriar dele, até porque, ia contra qualquer lógica de mercado, aquele estilo musical catastrófico se popularizar a nível de ser aglutinado pelas grandes gravadoras. Portanto, se você quisesse ter seu disco de Hardcore gravado, a única alternativa era apelar para o já conhecido método que domina o cenário musical de qualquer periferia urbana global: *Do It Yourself* (Faça você mesmo). A frase popularizada pelo movimento Punk obviamente também viria a ser a tônica do movimento Hardcore. Não existiam grandes produtores ou gravadoras por trás do que estava acontecendo. Criavam-se até mesmo cenários de editoriais independentes onde as bandas podiam apresentar conteúdos adicionais sobre seus

trabalhos. Eram as “fanzines”, publicações independentes que acabaram se tornando um formato literário bastante utilizado no mundo inteiro.

Algumas bandas figuram como pioneiras do gênero: como Middle Class, cujo EP *Out of Vogue*, de 1978, é considerado o primeiro disco de Hardcore a ser lançado; a banda Black Flag, que também lançou, a dois anos do fim da década de 70, o seu EP “*Nervous Breakdown*”, que, embora não seja tão veloz, é igualmente agressivo. A banda Germs também é uma das citadas como pioneiras. Todas elas são do estado da Califórnia. Mas um cenário de Hardcore-Punk também emergia em Washington. Embalados pelos jovens da Teen Idles, que possuíam o emblemático Ian Mackaye em sua formação e iniciaram a banda após assistirem o show dos influentes, e também pioneiros do gênero, Bad Brains, uma das mais veneradas bandas de Hardcore-Punk da história.

A banda Teen Idles, cuja alguns dos integrantes viriam a formar a influente Minor Threat, foi uma das responsáveis por criar e popularizar os símbolos e costumes da cultura Straight-Edge dentro do cenário Punk. Na capa do seu primeiro EP “*Minor Disturbance*” vemos a fotografia de dois braços formando um “X” ao mesmo tempo que a letra também está marcada nas mãos destes braços. O símbolo da mão marcada com o “X” inicialmente era uma medida dos donos de casas de show para marcar os menores de idade que não poderiam consumir bebidas alcoólicas comercializadas no local. O Straight-Edge se caracteriza pela total abstinência do uso de drogas lícitas ou ilícitas, como uma forma de manter a mente sã e evitar possíveis tentativas do estado de entorpecer e alienar a população, evitando assim, que as mesmas se revoltem contra as opressões estabelecidas por ele. Posteriormente, seus adeptos passaram a continuar utilizando a marca nas mãos mesmo fora das casas de show e mesmo após atingirem a maioridade, fazendo dela um símbolo dessa subcultura do Hardcore. Além do motivo já mencionado, o Straight-Edge era também uma forma de marcar a presença da juventude na manutenção da cultura Punk nos anos 80, e de reinventar sua imagem, que era muitas vezes estereotipada como uma cultura de desvirtuados e dependentes químicos.



Figura 3: Capa do EP Minor Disturbance de Teen Idles.

O Straight-Edge também criou um cenário de novas bandas que cantavam abertamente sobre a subcultura sendo uma das maiores expoentes dessa vertente a já citada Minor Threat, que contavam com dois membros da antiga Teen Idles:

Eu sou uma pessoa como você
Mas eu tenho coisas melhores para fazer
Do que sentar e foder minha cabeça
Sair com os mortos-vivos
Cheire merda branca pelo nariz
Desmaiar nos shows
Eu nem penso em velocidade
Isso é algo que eu simplesmente não preciso
Eu fui até o limite (*Straight-Edge*)
(STRAIGHT EDGE, Minor Threat, 1981)

Toda a bibliografia analisada deixa bem claro que a cultura Punk era aderida em sua maioria por jovens brancos de classe média baixa, no Hardcore isso não seria diferente. Segundo Thompson¹¹, em sua dissertação sobre as intersecções entre o movimento Punk e a comunidade afro-americana, pessoas negras que se identificassem com o movimento eram acusadas de estarem aderindo a uma cultura de brancos, afirmação que não fazia nenhum sentido, muito menos quando lembramos que a origem do Rock'n'Roll é preta. Porém, em 1977, uma banda chegaria para criar um novo universo de identificação para os afro-americanos dentro do movimento Punk. A banda de Washington "Bad Brains" se

¹¹ Formado em Artes em Inglês e Espanhol pela Universidade de Mississippi e mestre em Artes pela mesma instituição. Aaron Thompson também é aluno na *Cornell University's Africana Studies*.

tornaria uma das pioneiras do Hardcore Punk e uma das mais influentes bandas do cenário. Sobre os Bad Brains, Thompson, diz:

Ao tocarem hardcore, eles combatem a tendência da mídia e da cultura popular de essencializar tanto a música negra quanto a música rock. Querendo ou não criar um grande movimento de contracultura, os Bad Brains ajudaram a reconectar o rock com a negritude. (THOMPSON, 2010. p.16.)

Seus membros são adeptos da religião Rastafari¹², fazendo menção ao tema em algumas músicas como “Leaving Babylon” e “Destroy Babylon”, e tem em seu repertório canções que flutuam entre o Hardcore e o Reggae¹³. Muitos artistas brasileiros foram visivelmente, na sonoridade ou até nas artes de capa de disco, influenciados pelo quarteto de Washington. As bandas Charlie Brown Jr.¹⁴ e Planet Hemp¹⁵ são dois exemplos que sonoramente habitam essa área cinza entre o Hardcore e o Reggae onde se encontra também o Bad Brains. A banda fluminense Onda Errada HC¹⁶ tem em seu álbum homônimo uma releitura da arte de capa do álbum também homônimo do Bad Brains. Na arte original um raio atinge o topo do Capitólio dos Estados Unidos, enquanto na releitura uma mão desce dos céus destruindo o monumento do Cristo Redentor com um soco.

¹² Religião pautada no pan-africanismo (filosofia que propõe a união do povo africano em prol de potencializar o discurso anti opressão no continente) que segue os ensinamentos de Haile Selassie, o Ras Tafari, último imperador da Etiópia. Muitos adeptos consideram Haile a reencarnação de Jesus Cristo.

¹³ Gênero musical jamaicano desenvolvido no final dos anos 60. Possui como seu principal expoente Bob Marley and The Wailers.

¹⁴ Banda brasileira oriunda da Baixada Santista, em São Paulo, que se denominava um grupo de Música Popular Caiçara por se identificar com a classe operária dos trabalhadores praianos de Santos.

¹⁵ Banda brasileira oriunda do Rio de Janeiro que varia entre diversos gêneros musicais, tendo entre eles o Hardcore-Punk. A banda tem como principal norteador de suas letras a luta contra a estigmatização e proibição do uso da cannabis no Brasil.

¹⁶ Banda niteroiense de Hardcore-Punk que possui letras dos mais variados temas, todos pautados em lutas políticas importantes para a sobrevivência da população preta e pobre do estado do Rio de Janeiro.



Figura 4: A banda Bad Brains. Da esquerda para a direita Dr. Know (Gary Miller), H.R. (Paul Hudson), Earl Hudson (à frente) e Darryl Jenifer.



Figura 4: Comparação entre as capas dos discos “Onda Errada HC” e “Bad Brains”.

Bandas com subjetividades LGBTQIA+ dentro do movimento Hardcore geralmente se identificam com a chancela “Queercore”. É de extrema importância para um texto, que tem a intenção de informar sobre a história do Hardcore, citar essa parcela do movimento que faz surgir bandas tão importantes para evidenciar que estes sujeitos tem sim espaço e

representatividade dentro do movimento. Iremos aqui destacar uma banda bastante importante. Tão relevante quanto qualquer outra do movimento, o conjunto também de Washington, chama atenção ao quebrar os padrões de masculinidade impostos dentro do próprio movimento Punk. G.L.O.S.S. além de ser o nome de um produto de maquiagem é a sigla para “*Girls Living Outside Society Shit*”. O conjunto é uma banda trans ativista de Hardcore que adquiriu determinada notoriedade no cenário estadunidense e internacional entre os anos de 2014 e 2016. As letras de suas músicas pautam as subjetividades de pessoas LGBTQIA+. O grupo abriu novos horizontes de representação importantíssimos para que o movimento se torne cada vez mais inclusivo e amigável a pessoas com estas subjetividades. É bom informar ao leitor que este não é o primeiro grupo a realizar esse tipo de som no mundo. No Brasil mesmo, existem diversos artistas não cisgêneros que possuem bandas de Hardcore-Punk, porém, G.L.O.S.S. é uma banda que se notabilizou por falar diretamente do assunto sem nenhum tipo de “freio”. Embora a banda não esteja mais em atividade, o legado deixado merece ser citado aqui como um importante porto de representação onde novos sujeitos possam atracar e iniciar sua atividade no movimento.



Figura 5: A banda G.L.O.S.S. (Girls Living Outside Society Shit).

O conjunto Dance of Days é uma banda brasileira de Hardcore Melódico¹⁷ que também possui como protagonista uma vocalista transsexual chamada Nenê Altro. O conjunto existe a um pouco mais de 20 anos e é uma das primeiras bandas a tocarem

¹⁷ Vertente do Hardcore-Punk que se preocupa um pouco mais com a progressão melódica das músicas, geralmente possuindo vocalistas e musicistas mais técnicos. As bandas de Hardcore Melódico são muitas vezes estigmatizadas dentro do movimento por fazer uma espécie de som mais “vendável”. Porém, esse estigma precisa ser combatido visto que a reprodutibilidade das músicas não interfere nas lutas propostas pelas mesmas. O gênero musical foi o embrião do que viria a se tornar o “emocore”.

Hardcore Melódico no Brasil. A Dance of Days é apenas mais um entre vários grupos que utilizam o Hardcore, em suas mais variadas formas, para também falar sobre a realidade de pessoas oprimidas em território nacional.

O florescimento do Hardcore a partir de uma iniciativa exclusivamente independente mostra como os interesses das grandes corporações não são regra para a formação de demandas dentro do mercado musical. O Hardcore criou e fez circular uma nova tendência cultural a partir da vontade das camadas populares de realizar atividades referentes a um estilo musical que versava diretamente sobre a realidade da opressão exercida pelas instituições criadas pelo capitalismo. O Hardcore é um sintoma ao mesmo tempo que se propõe ser o remédio.

No Brasil, o movimento Punk dava seus primeiros passos a partir do final dos anos 1970. O cenário de crise econômica e de manutenção de privilégios para a classe mais abastada, somado à repressão violenta promovida pela Ditadura Militar, produziu um solo fértil para a proliferação da rebeldia do Movimento Punk. Muitas referências apontam uma banda mineira chamada “Banda do Lixo” como a primeira banda do gênero no Brasil. A atitude desafiadora e irreverente, símbolo do gênero, aflorou com o surgimento de bandas como Condutores de Cadáver, AI-5 e Restos de Nada. Estas inclusive são apontadas em muitas bibliografias como pioneiras do Punk no Brasil.

Brasília é um dos lugares que reivindica o pioneirismo do Punk no Brasil. As informações chegavam primeiro na capital. Este fato é um dos argumentos utilizados para defender que o movimento teria começado ali entre os filhos dos diplomatas e deputados que ali moravam. Porém, São Paulo é a cidade mais referenciada quando a pergunta sobre pioneirismo é feita. Estas informações estão disponíveis no documentário realizado por Gastão Moreira¹⁸, “Botinada: a origem do punk no Brasil”. O depoimento de Ariel (vocalista da banda Restos de Nada), no documentário, além de afirmar que o movimento teria começado nas periferias de São Paulo, dá a entender que não haveria autenticidade em um movimento iniciado por “filhinhos de diplomatas se fazendo de revoltadinhos em Brasília”.

O comentário de Ariel acaba também por demonstrar a ligação direta da cultura com a periferia. O punk brasileiro ressignificou e adaptou ao contexto local o movimento que havia se iniciado em países estrangeiros. Clemente (integrante das bandas Restos de Nada e Inocentes) no mesmo documentário aponta:

As primeiras bandas surgiram da necessidade de você falar, de você ouvir um som... Sex Pistols falando “Anarchy in U.K.” ou “estava na rua em Londres”, e faltava quem falasse da quebrada da [Vila] Carolina [em

¹⁸ Apresentador de TV e jornalista, Gastão Moreira ficou conhecido por sua atividade como VJ na popular MTV brasileira. Dirigiu este documentário com a intenção de registrar todas as nuances do movimento Punk no Brasil.

São Paulo], do que estava acontecendo com você... falasse de você, da sua realidade. (Clemente, ex-Restos de Nada, Inocentes. Botinada: a origem do punk no Brasil. 2006)

Assim como em seus países de origem, os jovens de classes menos abastadas foram rapidamente sugados para dentro desse movimento, mas com uma diferença substancial em relação à racialidade. Como é possível observar ainda no documentário, através das imagens de arquivo utilizadas, não só jovens negros aderiram ao Punk como tiveram participação ativa na criação e estabelecimento da cultura no Brasil, fazendo parte das bandas pioneiras já citadas.

Sobre a sonoridade destes grupos, Oliveira¹⁹ aponta:

No Brasil, as primeiras bandas tidas como punk ou que emergiram sob essa atmosfera cultural estavam mais próximas do hardcore que do punk rock, sobretudo se comparadas às tidas por pioneiras do gênero, como The Ramones e Sex Pistols. É o que se nota a partir da audição dos primeiros e raros registros da época, como os das bandas Restos de Nada e Passeatas. (OLIVEIRA, 2007. p.8)

A banda creditada como uma das pioneiras do movimento no Brasil, a Restos de Nada, tem em seu disco homônimo gravações de trechos de alguns shows, sendo uma destas realizada em 1979. A velocidade com que as músicas eram reproduzidas nos shows realmente nos fazem questionar se o Hardcore deu seus passos no Brasil antes que o próprio Punk Rock. Na verdade, é possível afirmar que a tônica do Punk Rock brasileiro era o Hardcore, mesmo que a designação não fosse muito utilizada pelas próprias bandas. Essa constatação fica evidente após ouvir o primeiro disco de Punk Rock brasileiro. A coletânea Grito Suburbano, lançada no ano de 1982, contava com 3 bandas do cenário Punk paulista: Olho Seco, Inocentes e Cólera. Aos poucos, algumas bandas foram criando identificação com o termo e o Hardcore foi também se dissociando do movimento Punk, passando a ter “vida própria”.

A motivação inicial era a revolta contra as desigualdades, falta de oportunidades e desordem social regada à repressão policial que existia no Brasil durante os anos 80. Embora isso não fosse enxergado por parte de seus integrantes como uma motivação política, estava evidente a vontade coletiva de realizar uma transformação social através do caráter excêntrico das suas formas de expressão correspondentes ao sufoco social e cultural. Os integrantes que enxergavam a potência do movimento Punk de ser um agente catalisador de mudanças sociais assumiram com responsabilidade política os seus grupos.

¹⁹ Roberto Camargo de Oliveira escreveu este trabalho enquanto era doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

Os Punks brasileiros andavam em grupos, muitas vezes chamados de gangues. Uma parcela, que vinha da região do complexo industrial do ABC Paulista²⁰, entendia que nas raízes daquela cultura existia um sentimento de revolta coletiva muito característico da classe operária. Os Punks do ABC viram sua cultura crescer em uma época em que seu território estava marcado pela luta do proletariado e de movimentos sindicais por direitos. Movimentos esses que viriam, inclusive, a notorizar figuras como Luiz Inácio Lula da Silva²¹. Essa consciência política fica evidente no texto “O Punk no ABC 1979/82”, presente na contracapa da coletânea “ABC Hardcore 82”, lançada em 1994:

A paciência dos jovens residentes do maior complexo industrial do país também se esgotara [...] Jovens que se cansaram de opressões do regime militar, quando na escola eram obrigados a cantar hinos e estudar O.S.P.B. Desemprego, desespero e desordem foram elementos embrionários que culminaram na formação de grupos que buscavam formas de expressão para o sufoco social e cultural. [...] Estas gangs se proliferaram pelo ABC, dando origem a bandas que se tornaram porta vozes do movimento, o qual devolveria a sociedade a mesma violência deflagrada por ela. (Contracapa da coletânea “ABC Hardcore 82”, 1994)

Em uma fria análise da história da cultura Punk no Brasil, essa consciência política presente nas gangues da região do ABC, aliada à necessidade de rivalizar com grupos da capital por considerarem que estes seriam privilegiados, interferiu na produção cultural realizada pelos mesmos, fazendo-se acreditar que aí estava o embrião do movimento Hardcore brasileiro. O próprio termo Hardcore, com o surgimento de algumas bandas que se identificavam com ele, foi recebendo em território brasileiro um significado de contestação às ordens vigentes e luta contra opressões praticadas pelo estado em um sentido mais amplo do que em outros países. Em uma entrevista realizada com integrantes da banda carioca de Hardcore/Straight-Edge, Clava, o guitarrista Guilherme deixa claro essa consciência do significado de ser uma banda de Hardcore:

Eu acho que o hardcore é um pouco diferente enquanto gênero musical. No metal, por exemplo, você delimita esteticamente os gêneros, enquanto no hardcore é mais uma questão de você pertencer a uma cena do que de quais elementos estéticos a sua banda tem. Claro que também existem diversos gêneros dentro do Hardcore, como Screamo e Crust. Mas você pode falar que Fugazi é uma banda de hardcore, e você pode falar que Clava é uma banda de hardcore, e várias outras bandas que embora sejam bem diferentes são também de hardcore. (THEO, entrevista concedida pela banda Clava. 17/06/2023)

²⁰ Região de São Paulo que corresponde aos municípios de Diadema, São Bernardo do Campo, Ribeirão Pires, São Caetano do Sul, Santo André, Mauá e Rio Grande da Serra. A sigla é proveniente dos 3 municípios que antes formavam toda a região: A de Santo André, B de São Bernardo do Campo e C de São Caetano do Sul.

²¹ Trigesimo quinto e trigesimo nono presidente do Brasil. Durante a produção deste trabalho Lula é o atual presidente que governa o país.

Na mesma entrevista, o baixista Theo complementa:

Acho que essa do hardcore ser uma cena inclusiva, é algo especificamente muito brasileiro, tá ligado? Muito nosso, no sentido de que tudo é hardcore se você quiser. O hardcore tá na sua relação com a música do que a música em si. Então você pode tocar pode tocar punk rápido, você ainda não vai ser hardcore. Hardcore é uma coisa muito mais de cabeça, e isso inclui ser um lugar muito seguro para as pessoas. (THEO, entrevista concedida pela banda Clava. 17/06/2023)

Com o passar dos anos, as críticas foram ficando cada vez mais bem estruturadas e ásperas. Algumas bandas passaram a contestar diretamente políticas neoliberais, o imperialismo e o colonialismo, considerando-os pilares de sustentação do sofrimento da população no país.

Embora tenham surgido novas inflexões do gênero, que até foram aderidas pelas grandes gravadoras, é possível dizer que o Hardcore-Punk “original” ainda se mantém invendável aos olhos das majors²². Desde o início da sua existência, a tônica do Hardcore Punk brasileiro é a contestação de muitos ideais ligados ao que é classificado como neo-liberal e, por conseguinte, “de direita”.

Hardcore como identidade e articulador de novas identidades subversivas

Aqui entendemos identidade como um posicionamento político, e não como algo essencialista. O Punk se notabilizou no mundo entre as décadas de 70 e 80 por se apresentar como um movimento de contracultura. Com base na indignação provocada em jovens que sentiam na pele as consequências do declínio do sistema capitalista passado a metade do século XX, esse movimento não se tratava apenas de uma revolução musical, mas também contava com a criação de costumes, comportamentos e cultura própria. Dizer que um movimento social nasce com base na contracultura é afirmar que existe uma determinada categoria estruturada sendo imposta em um processo que envolve identidade e relações de poder, para que assim possa haver um movimento contra. Compreender as estruturas que moldam o pensar humano é algo recorrente nos estudos culturais

²² Denominação dada às grandes gravadoras que monopolizam o mercado musical em diversos países.

contemporâneos. Nos apoiaremos aqui nos conceitos de identidade, diferença e cultura utilizados e referenciados nas obras de dois autores: Stuart Hall²³ e Tomaz Tadeu da Silva²⁴.

Dois paradigmas dos estudos culturais são salientados por Hall. Procurando situar-nos sobre as ideias e debates realizados sobre a conceituação da palavra cultura, Hall nos apresenta o viés culturalista e o viés estruturalista. No primeiro, entendemos cultura como a soma das descrições disponíveis pelas quais a sociedade dá sentido. Todas as descrições disponíveis que a sociedade dá sentido é cultura para os culturalistas. Também existe a conceituação de cultura como a inter-relação entre os elementos que compõem a sociedade. Nas duas descrições culturalistas, a consciência humana está presente na criação de cultura. Já os estruturalistas acreditavam que não havia consciência nas ações humanas, pois as experiências são todas controladas pelas estruturas linguísticas. Os dois paradigmas lidam com conceitos bastante debatidos nos estudos culturais contemporâneos: o de significação e signo. É dentro desse debate que Silva (2000) nos introduz a seus pensamentos sobre a identidade e a diferença. Fazendo-se valer do caráter interdisciplinar dos estudos culturais, Silva introduz a linguística de Saussure²⁵ para explicar não só como compreendemos os signos, mas também como compreendemos a identidade e suas complicações. Quando compreendemos a diferença como um “processo básico de formação da língua”, os horizontes para compreensão de atos linguísticos como identidade e cultura se abrem. Com isso, o que se quer dizer é que os processos de diferenciação formam não só as identidades mas também as estruturas linguísticas que a determinam. Não seríamos capazes de definir nossa identidade se não houvesse a outridade:

A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais. [...] Nós já havíamos encontrado esta idéia quando falamos da identidade e da diferença como elementos que só têm sentido no interior de uma cadeia de diferenciação lingüística ("ser isto" significa "não ser isto" e "não ser aquilo" e "não ser mais aquilo" e assim por diante). (SILVA, p. 2. 2000.)

Os movimentos de contracultura se iniciaram nas décadas de 60, 70 e 80. Com eles, também surgiam mentes interessadas em compreender os processos linguísticos e suas

²³ Conhecido como um dos fundadores dos Estudos Culturais junto à Raymond Williams e Richard Hoggart, o jamaicano que também possuía nacionalidade britânica liderou por anos o Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham.

²⁴ Notório pensador dos conceitos de identidade e diferença, Tomaz é Ph. D. pela Stanford University (1984). Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁵ Referenciado muitas vezes como um dos mais relevantes pensadores para os estudos da linguística, Saussure foi doutorado pela Universidade de Leipzig e lecionou linguística em diversas universidades.

relações com a sociedade. Uma grande contribuição para os estudos da língua e estudos culturais foi dada por Jacques Derrida ao dizer que “o signo não possui valor absoluto” (SILVA, apud DERRIDA, p.2. 2000). Com isso, se queria dizer que a marca material de um signo só possui valor em uma enorme cadeia de diferenciações. Nas palavras de Derrida: “o signo não é uma presença”, embora haja a ilusão da fixação, o símbolo é o signo, não o conceito. Essa simples frase costura todos os paradigmas aqui citados que tentam delimitar o que é cultura. A possibilidade de mudança em um signo com um conceito estabelecido denota a importância da experiência apontada pelos culturalistas, ao mesmo tempo que a força das estruturas demonstra o quanto é importante compreendermos as relações linguísticas que nos são impostas na sociedade ocidental. Com a possibilidade de mudança em uma cultura vigente (entendendo cultura aqui como o quadro de referências linguísticas com possibilidade de mudanças nas dinâmicas de significação), novas identidades surgirão, assim como novas formas de representação. O movimento Punk, por exemplo, é uma síntese desse caráter dinâmico da cultura.

Os processos de diferenciação formam a língua, assim como formam as identidades (SILVA, p.2. 2000). Só sabemos o que somos única e exclusivamente porque sabemos também o que não somos. Os movimentos de contracultura são resultado da crescente consciência do indivíduo de seu papel na sociedade, que, quando somada às desigualdades sociais gerada pelo declínio do sistema capitalista, criam categorias culturais diferenciadas para cada classe. O movimento Punk se identifica como o outro, como o marginal em uma sociedade onde o poder de definir as identidades está nas mãos daqueles que se beneficiam com as consequências estruturais da colonização. Ser punk, significa não ser comum, significa não ser ordinário em uma sociedade em que o comum e o ordinário é imposto. Em resumo, o movimento buscava a excentricidade a todo custo na tentativa de chamar a atenção para um problema coletivo, através de uma série de características culturais próprias que fugiam daquelas que eram estabelecidas como comuns, tendo a música como principal elemento norteador daquela identidade. Se “a força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade” (SILVA, p.4, 2000), a intenção do movimento Punk era ser tão visível a ponto de cansar as vistas.

O movimento Punk agrega esses fatores identitários, como aponta Hall (2005, p. 12), na medida em que “costura o sujeito à estrutura e estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam”. A afirmação identitária é uma estratégia importante para esses novos movimentos sociais, “marcados por uma preocupação profunda pela identidade: o que ela significa, como ela é produzida e como é contestada”. (SALVAGNI#, p.3. 2021)

Assim estava estabelecida a identidade Punk, que assim como qualquer outra, está sujeita ao dinamismo inerente às práticas culturais. Tal dinamismo seria responsável pela criação do Hardcore-Punk.

Em um sistema onde o que move massas rapidamente se transforma em mercadoria, rapidamente o Punk foi apropriado e teve seu sentido esvaziado pelo mercado. O que antes se apresentava como uma identidade alternativa e com fortes propósitos políticos, agora era enxergado apenas como um modismo, como mais uma mercadoria. O Hardcore-Punk então nasce como uma alternativa identitária para aqueles que se enxergavam nas categorias disponibilizadas pelo movimento Punk, e queriam acentuar a sua principal característica, a contestação do comum e a luta contra as opressões estabelecidas pelo sistema capitalista. A principal marca desse movimento, obviamente, seria a música. Se a intenção era se apresentar como outro, o Hardcore tenta ser o completo oposto ao comum. A música que já era sinônimo de barulho para uma parcela da sociedade agora era ainda mais intensa, rápida e densa. Nas palavras de Janice Caiafa:

O mínimo punk aqui é quase nada: o instrumento é o rangido, o vocal é o grito, cada música são segundos. É não tocar, não cantar: anti-música. Só o atrito. (CAIAFA. p.124, 1985)

Além de ser uma alternativa, o movimento se apresenta como uma forma de contestação da realidade e das dinâmicas hegemônicas. Ao escolher fazer parte da cultura Hardcore, o indivíduo se compromete com ideais de igualdade e respeito com a diversidade de expressão da natureza humana, pois as temáticas abordadas nas músicas e as atitudes do movimento Hardcore são pautadas na contestação de um sistema que tudo faz para acabar com a possibilidade do ser humano de se autodeterminar.

A despeito da capacidade paradoxal do capitalismo de se apropriar e transformar em mercadoria um discurso anticapitalista, o Hardcore-Punk, na sua originalidade, é uma vertente musical e identitária que se mantém intacta às mãos das majors e do mercado musical. A maioria das bandas que se identificam com o movimento Hardcore são bandas independentes, que continuam atuando ainda pela lógica do *Do It Yourself*. Isso acentua ainda mais o caráter identitário do movimento, que não se estrutura sob a lógica das especulações e direcionamento do mercado e, sim, sobre a organização da energia humana em torno de uma determinada categoria de significações que compõe e mantém de pé uma cultura que é repetida e passada para frente. Uma banda de hardcore não está preocupada com a opinião da crítica especializada ou em como um lançamento irá repercutir nas redes sociais, e sim, em passar pra frente uma mensagem de contestação da realidade vigente e através dela transformar o meio social no qual ela está inserida.

Mas não existe transição possível para o Hardcore. Ele não passa do que é e não serve para nada senão para si mesmo. [...] Do hardcore não há o que aproveitar, não há como domesticar tanto atrito. [...] Um pouco mais e o Hardcore é um estrondo só, de explosão e desastre. O ódio Hard está no limite dessas provocações: tudo pelos ares, destruição total e fim do mundo. O Hardcore é um ritmo que se mede pelo mínimo de tempo possível em que se pode produzir uma música. (CAIAFA. p.124-125, 1985)

A identidade Hardcore carrega o gene do movimento Punk. Embora iniciado nos Estados Unidos, o Hardcore-Punk é produto de um processo de revolta popular com a realidade política e social vigente. Desigualdade social e insatisfação da população de classe média baixa são fenômenos que ocorrem em qualquer território dominado pela sociedade ocidental. Quando a popularidade do Punk e do Hardcore atingiu águas internacionais, os jovens de periferias urbanas que viviam no Brasil e se sentiam representados nas formas de expressão dessa nova cultura não sentiram que aquele movimento foi de importação de uma cultura, e sim de reconhecimento de similaridades entre as duas situações. Os Estados Unidos estavam passando por um momento de alta do conservadorismo político neo-liberal com a eleição de Ronald Reagan, e o Brasil estava se encaminhando para o fim de uma ditadura militar também neo-liberal e, em ambos os cenários, a juventude se unia para de alguma forma enfrentar o poder hegemônico. Quando se trata da música, a inspiração de fato é em uma cultura que nasceu nos Estados Unidos. Porém, as estruturas que sustentam a identidade Hardcore através do sentimento de descontentamento com a realidade vigente nascem em qualquer sociedade que atua pelas lógicas do capital.

Nos Estados Unidos, a identidade Hardcore possui um ímpeto muito mais anticapitalista do que de luta contra as categorias hegemônicas. Já no Brasil, o movimento Hardcore é sempre interpretado como um movimento que replica ideias de esquerda, defendendo as causas de todas as identidades oprimidas em seus diversos territórios: classe, gênero, raça e sexualidade. Esses temas estão bastante presentes, por exemplo, nas letras de bandas de Hardcore por todo o Brasil.

As músicas lançadas por estas bandas criam um novo horizonte de significados que, ao entrar em contato com as pessoas que compartilham daquela mesma realidade e dos mesmos ideais, formam comunidades que se dão nesses diversos campos identitários. Através das músicas que os significados criados são captados por aqueles que se identificam, marcando assim a importância da representação nesse processo.

Se os sons que ouvimos fazem parte das categorias linguísticas que aprendemos, um som repetido regularmente através do tempo e percebido por um ser humano gera percepções auditivas diferentes entre as culturas. Para tentar ilustrar melhor: a sirene de um

policial irá causar uma sensação de alívio em um bairro de pessoas de classe média alta, mas em um bairro de classe média baixa irá causar tensão e desconforto. O mesmo será com a compreensão de músicas. Uma música com a identidade Hardcore (abertos protestos políticos e agressivamente rápida) irá soar de uma forma confortável em uma pessoa pobre ou LGBTQIA+ (a depender da música). Já em uma pessoa que carrega consigo uma identidade hegemônica soará como perigo e alerta.

Em um mundo virtualizado, onde o acesso à fruição e produção culturais é facilitado em comparação com o passado, os lançamentos possuem um papel importante no processo de manutenção da continuidade da cultura Hardcore. Porém, estão longe de comporem a sua totalidade. Muitas bandas já começaram e acabaram sem as suas composições sequer terem a chance de serem gravadas, tendo sua atuação no cenário musical somente através dos shows. Os shows, nesse contexto, são o principal espaço de encontro onde ocorrem as trocas simbólicas e afetivas entre os integrantes dessa cultura. É o show o espaço de encontro entre a comunidade Hardcore, onde a representação aparece em todos os sentidos. O show de Hardcore é um lugar e momento de construção e fixação de identidades. É nele que a agressividade da cultura Hardcore se mostra efusiva, através do Mosh Pit, do Stage Dive e das performances enérgicas das bandas do cenário. A sociedade encontra meios de organizar a energia necessária para as necessidades humanas e através da repetição desses meios em presente e futuro, criam a tradição. Na tradição o sujeito se sente representado e repete as categorias apresentadas por essa nova cultura. É esse o processo que costura o sujeito à estrutura, através de um sentimento de representatividade e descontração. É no conforto dessas categorias que se sente o adepto do movimento.

Porém, nem tudo é tão simples. Stuart Hall foi preciso em descrever a fragmentação da identidade do indivíduo contemporâneo:

As identidades na contemporaneidade estão sendo descentradas. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade". No mundo "pós-moderno" nós somos "pós" a qualquer concepção essencialista de identidade. (HALL, p.1, 1997.)

Precisando administrar diversas categorias nos vários territórios da identidade, o indivíduo "pós-moderno" entra em conflito muitas vezes pela incapacidade de realizar essa tarefa. Stuart Hall explica empiricamente essa característica da "pós-modernidade",

utilizando como exemplo o caso envolvendo George W. Bush e a nomeação de um juiz federal:

Durante as "audiências" em torno da indicação, no Senado, o juiz Thomas foi acusado de assédio sexual por uma mulher negra, Anita Hill, uma ex-colega de Thomas. [...] Alguns negros apoiaram Thomas, baseados na questão da raça; outros se opuseram a ele, tomando como base a questão sexual. As mulheres negras estavam divididas, dependendo de qual identidade prevalecia: sua identidade como negra ou sua identidade como mulher. Os homens negros também estavam divididos, dependendo de qual fator prevalecia: seu sexismo ou seu liberalismo. Os homens brancos estavam divididos, dependendo, não apenas de sua política, mas da forma como eles se identificavam com respeito ao racismo e ao sexismo. E, uma vez que o juiz Thomas era um membro da elite judiciária e Anita Hill, na época do alegado incidente, uma funcionária subalterna, estavam em jogo, nesses momentos, também questões de classe social. (HALL, p.19, 1997)

A importância de apontar essas características da identidade nessa análise da identidade Hardcore, de certa forma, é entender que o próprio movimento não está isento de erros. A identidade "pós-moderna" é a categoria que se encaixa no sujeito Hardcore-Punk. Embora ele se identifique com a ideia de que as identidades hegemônicas devam ser desconstruídas, o próprio sujeito às vezes se vê cometendo atos que reforçam a opinião hegemônica. A profusão com que comportamentos ligados a uma masculinidade danosa, imposta pelos processos estruturais que formaram a nossa sociedade, ocorre em determinados ambientes do movimento, por exemplo, é um fator que acaba certas vezes afastando a comunidade LGBTQIA+ e mulheres de se inteirarem à causa e participarem mais ativamente do movimento, mesmo que estas já tenham se notariado como parte desse movimento atuando em diversas bandas. Porém, ainda assim, essas identidades precisam agir como plantas perfurando o concreto e ignorar a masculinidade presente no movimento para continuarem agindo.

É visível, a partir de uma experiência empírica em shows de Hardcore-Punk no Rio de Janeiro, que essas estruturas pautadas na masculinidade estão sendo cada dia mais desconstruídas por integrantes do próprio movimento. Na entrevista realizada com a banda Clava, fica clara a consciência coletiva de que a luta contra essas opressões dentro do movimento devem acontecer para que assim seja possível torná-lo cada vez mais seguro e coerente com a realidade de luta contra as categorias hegemônicas. Ao serem perguntados se o cenário Hardcore-Punk é um ambiente inclusivo e aberto a todas as identidades, o baixista Theo foi enfático em dizer que:

Antes da gente começar a tocar, a gente sempre fala que todo mundo pode se mexer, mas tem que tomar cuidado com a pessoa que tá do seu lado, porque a gente sabe que formas de se mexer muito agressivas podem não

ser tão seguras para pessoas que são menores se quem estiver no mosh não tiver consciência. Então quando pessoas novas, que não fazem parte do cenário ainda, como mulheres e pessoas trans se sentem seguras para participar dos Moshs e dos shows elas acabam gostando mais da música, ela se sente pertencida a aquele lugar e daí ela começa uma banda, e assim a transformação é feita. E essas pessoas que fogem do padrão imposto têm algo pra dizer. Quando elas verem que nesse ambiente ela é livre pra dizer isso, elas podem começar uma banda, daí que tem uma disrupção de verdade. A gente pode falar pra caraca aqui, mas nada vai ser mais revolucionário dentro do hardcore do que uma própria minoria fazendo a coisa acontecer. E essa é a parte boa do hardcore, é por isso que eu acho que pode melhorar muito ainda. (THEO, entrevista concedida pela banda Clava. 17/06/2023)

No próximo capítulo, serão analisadas letras de músicas que demonstram as ideologias que norteiam a identidade Hardcore (como o anticolonialismo, anticapitalismo, igualdade de gênero e sexualidade), assim como as músicas que contradizem a ideologia de alteridade que o Hardcore se propõe desde o início.

Analisando as categorias disponíveis pelo Hardcore e desfragmentando o sujeito

Entendendo a identidade como um posicionamento político e não como uma essência, vemos, nos Estados Unidos, a fragmentação do sujeito Hardcore em um exemplo protagonizado por Ian MacKaye, líder das bandas Minor-Threat, Fugazi e Teen Idles, no documentário “American Hardcore”. Na ocasião, Ian, um homem cis branco, se diz surpreso por um grupo nazista nacionalista da Polônia se demonstrar identificado com a composição “Guilty of Being White”, da banda Minor-Threat. No trecho do documentário em que Ian fala sobre o assunto, ele diz estar certo de que, quando escreveu e reproduziu a música, ele estaria realizando um ato anti racista, pois a música fala sobre como ele se sentia julgado pela cor de sua pele por ser branco em um estado de maioria da população negra. A letra da música acusa pessoas negras de cometerem “racismo reverso” por culparem pessoas brancas pela escravidão:

Sinto muito
Por algo que não fiz
Linchei alguém
Mas eu não sei quem
Você me culpa pela escravidão
Cem anos antes de eu nascer
Culpado de ser branco

(Guilty of Being White, Minor Threat, 1984)

As contradições das falas de Mackaye se tornam inevitavelmente aparentes quando, no mesmo documentário, o músico declara ter se inspirado na banda anteriormente citada, Bad Brains, para a criação do grupo Teen Idles.

O quarteto de Washington já era importante por serem os pioneiros de um gênero musical que determinaria a identidade de gerações e gerações de jovens. Não era necessário cantarem diretamente sobre sua identidade para que a relevância desse grupo na cultura negra estadunidense fosse atestada. Os Bad Brains eram uma importante fonte de representatividade para diversos jovens que se identificavam com o movimento Hardcore. O documentário abriu espaço para que, agora adulto, Ian Mackaye pudesse demonstrar que, embora dono de uma atitude que inspirou e ainda inspira muitos jovens, o adolescente Ian do ano de 1984 ainda tinha muito a aprender. Porém, como pudemos conferir anteriormente, Mackaye ainda não foi completamente capaz de compreender que os sentimentos retratados na música “Guilty of Being White” fazem parte de uma estrutura muito maior que subjuga jovens brancos e negros em níveis completamente dispare. Na incapacidade de compreender seus privilégios, Mackaye também vacila com o fragmento de sua identidade que luta por igualdade social.

Seria impossível não mencionar os próprios Bad Brains aqui como uma das categorias disponíveis para membros da comunidade Hardcore. A representatividade impulsionada pela subjetividade do grupo abriu horizontes para diversificar ainda mais o paraíso das identidades dessa nova subcultura do Punk. Tanto nos Estados Unidos, como no Brasil, a banda abriu um mar de possibilidades de formas de se expressar para os jovens de classe média baixa. Uma diversidade que foi capaz de gerar o Teen Idles e inspirar bandas como o Dead Kennedys nos Estados Unidos, e no Brasil gerou bandas como Planet Hemp e Charlie Brown Jr.

Não se importe com o que dizem de nós, temos atitude
Não se importe com o que dizem de nós, temos atitude
Hey nós temos o PMA
Hey nós temos o PMA
Hey nós temos o PMA (Positive Mental Attitude²⁶)
(Attitude, Bad Brains, 1982).

“Attitude” foi uma música escrita por H.R., influenciado pelo livro de Napoleon Hill, chamado “Think and Grow Rich”. O livro procurava explicitar a importância do pensamento positivo e da fé para alcançar o sucesso financeiro e consequentemente pessoal. Embora a filosofia proposta por livros de auto-ajuda ignorem muitas vezes as consequências das condições sociais de cada indivíduo no caminho para o “sucesso”, a interpretação que H.R. faz sobre o conteúdo ao qual teve acesso criou uma importante categoria para que jovens pudessem se identificar. A filosofia e estilo de vida da banda se baseavam em acreditar na força do pensamento positivo como uma forma de se manter focado nos deveres da vida. Nesse contexto, podemos dizer que a interpretação dos Bad Brains sobre o livro de Hill é a de que se deve usar a energia proporcionada pela *Positive Mental Attitude* para continuar a sobreviver e resistir na sociedade em que estamos inseridos. A banda ter aderido a um discurso que procura se agarrar ao pensamento positivo se assemelha à filosofia da banda de new metal Rage Against the Machine, que embora não fale sobre pensar positivamente, fala sobre organizar o sentimento de raiva contra a máquina hegemônica e utilizá-lo positivamente.

A influência do Bad Brains para as bandas de Hardcore nacional é tamanha. Como dito anteriormente, o Punk já chegou em território brasileiro com a genética Hardcore. Verificando a coletânea “Grito Suburbano” (considerada o primeiro lançamento Punk no Brasil), é bem evidente a velocidade e o lirismo característicos do movimento HC. A quarta faixa do disco evidencia claramente estes argumentos. Embora não tão rápida quanto as outras músicas do disco (mas ainda assim rápida), a faixa traz em sua letra a vivência de

²⁶ Tradução: Atitude Mental Positiva.

jovens suburbanos cuja “vontade de gritar sufocada no ar e o medo causado pela repressão” são significativamente recorrentes em suas vidas:

Vagando pelas ruas tentam esquecer
Tudo que os oprimem e os impedem de viver
Será que esquecer seria a solução?
Pra dissolver o ódio que eles tem no coração
Vontade de gritar (sufocada no ar)
O medo causado (pela repressão)
Tudo isso tenta impedir os garotos do subúrbio de existir
Garotos do subúrbio, garotos do subúrbio
Vocês, vocês, vocês não podem desistir
 (“Garotos do Subúrbio”, Inocentes, 1982)

Essa composição acaba por demonstrar uma característica muito marcante do Hardcore Brasileiro. Embora a atitude subversiva e a inspiração para a composição das músicas tenha sido de referência estrangeira, o Hardcore brasileiro é muito mais incisivo e direto em seu lirismo. Ele é uma tentativa não só de se autodeterminar e de demonstrar a angústia e os sentimentos dos jovens com identidades subestimadas dentro da sociedade, mas também de apontar o dedo na cara do problema e sustentar um discurso combativo contra tudo aquilo que tenta impedir os garotos do subúrbio de existir. Dentre as categorias disponíveis dentro do cenário musical brasileiro, o Hardcore é aquele que prefere colocar o dedo na ferida e se manter anônimo, que maneirar no discurso para tentar vender novos discos, e no Brasil isso fica bastante evidente através da atuação de bandas consagradas pelo cenário que terão suas letras citadas aqui.

É possível encontrarmos a revolta com as mais variadas categorias que oprimem os cidadãos brasileiros das classes menos abastadas. Encontramos desde críticas às bases da estrutura hegemônica que regem as opressões sofridas por estes cidadãos como colonialismo e o neoliberalismo, que geram as desigualdades sociais em um espectro étnico e também de poder aquisitivo, críticas com embasamento histórico remetendo a momentos da história política brasileira, e também às violências diretas como a violência policial e as opressões sociais.

As profundas críticas às bases das estruturas hegemônicas fazem do Hardcore Brasileiro um estilo e cultura únicos no mundo inteiro. A banda Surra, por exemplo, deixa claro que não existe “comunidade imaginada” (SILVA, apud ANDERSON, p.4, 2000.) em um país que parte de sua população considera ser uma “franquia nascida da violação”:

Indiferentes, forjados de um ódio que é contraditório e sem direção
País sem noção, uma franquia nascida da violação
A influência de cima empurra em sentido anti-horário nossa evolução

(SURRA, “Virou Brasil Pt.2”, 2019).

Dar espaço de visibilidade para o ódio presente na colonização é uma tentativa de invocar nos ouvintes determinada vontade de questionar as estruturas de pensamentos que nos guiam desde a criação desta instituição chamada Brasil. Estas estruturas durante muito tempo estiveram nas bases do ensino de História no Brasil, considerando a invasão portuguesa uma “descoberta”. Apontar os erros presentes nos antigos currículos pedagógicos é uma forma de apontar para a luta anti-colonial no Brasil, e a luta anti-colonial assim se apresenta como uma forma de se autodeterminar em um país criado sob estruturas exploratórias. É importante, nesse contexto, conseguirmos reconhecer o Brasil como uma franquia nascida da violação.

Ainda dentro das categorias linguísticas disponibilizadas pelo cenário do Hardcore-Punk brasileiro, encontramos críticas a uma das bases das opressões exercidas na sociedade. A contestação do capitalismo e de suas consequências para a população é algo bastante difundido dentro do movimento. Não é difícil encontrar músicas que sustentam o sentimento de desconforto com a realidade social vigente ativo no cidadão comum, para que o mesmo não se mantenha alheio às opressões que sofre. Como podemos ver na música da aclamada banda Ratos de Porão:

Destrói natureza
Mata animais
Só o dinheiro é o que importa
Capitalismo
Um mal incurável
Capitalismo
O homem é irresponsável
Ca-pi-ta-lismo!
Ganância e ambição
Em qualquer situação
Está gerando um caos na humanidade
Esta é a triste realidade

(RATOS DE PORÃO, “Capitalismo”, 1995)

Para além das bases das estruturas hegemônicas, algumas bandas se preocuparam em falar diretamente sobre os vetores nos quais a violência se materializa na sociedade. A violência policial, o descaso do estado para com seus cidadãos (ambas situações tem suas origem no ódio provido pelo racismo e pelo ódio às classes sociais menos abastadas), o próprio racismo, a LGBTQIA+fobia e a misoginia são assuntos encontrados dentro da gama de temáticas disponibilizadas pelo Hardcore. Serão disponibilizados aqui exemplos sobre cada uma dessas categorias.

A banda capixaba Mukeka di Rato, com uma sensibilidade ímpar para compreender e representar verbalmente a questão da violência policial, lançou, em 2022, o álbum “Boiada Suicida” onde encontramos a faixa “Milico”. Na canção, o eu lírico questiona

diretamente os autores de disparos contra cidadãos indefesos, e se o seu ofício é pautado realmente pela ordem do “servir e proteger” ou se o trabalho do policial militar é fruto de puro sadismo:

Senhor fardado
Deve ser um grande fardo
Carregar toda chacina
Dessa instituição
Um gole seco
Que não desce a garganta
Como é que não te espanta?
Senhor polícia
Será que é por malícia
Ou pura obediência
A violência deste ofício?
É tão difícil ver alheio sofrimento
Ser alguém no tiroteio
Ser o dedo no gatilho
Senhor das armas
Quando que nessa cabeça
Caberá um travesseiro
E um sono verdadeiro?
Ainda escuta
A risada da criança
Que brincava e não sabia
Que o disparo era certo?
Senhor milico
Quem será que é bandido
Quando a tropa é criminosa
Incontáveis episódios?

(MUKEKA DI RATO, “Milíco”, 2022.).

Já citada anteriormente, a banda Onda Errada HC, lançou no ano de 2022 o seu álbum homônimo cuja capa já foi até utilizada aqui como exemplo da admiração do Hardcore brasileiro aos Bad Brains. No disco se encontra a música “Laboratório do Inferno”, realizada com a participação dos artistas HAJED e Lado A. A música tece diretamente críticas à necropolítica implementada no estado do Rio de Janeiro, fazendo menção à casos como o uso de helicópteros por parte da Polícia Militar para operações policiais, ao descaso de empresas públicas e privadas que controlam a distribuição de água para os cidadãos do estado, ao desemprego, à mistura errônea que acontece no governo do estado entre instituições neopentecostais e políticos e à muitos outros descasos sofridos pelos cidadãos do Rio:

Toda vez que passa a porra do helicóptero
Na minha cabeça não sei se vou voltar inteiro
Lembro do amigo que nem teve direito a enterro
Roleta russa, eu não quero morrer primeiro
Água podre
Desemprego

Violência
Desespero
Laboratório do inferno
Necrolítico moderno
Cada farda, um necrotério
O capeta usa terno[...]
O mundo já foi conquistado
Por empresários e pastores
Impostores e deputados
Que em seus tronos estão sentados
Enquanto os nossos são sepultados

(ONDA ERRADA HC, HAJED, LADO A, “Laboratório do Inferno”, 2022)

Se a violência existe em todos os territórios da identidade, a questão da identidade e da diferença é um assunto já mencionado anteriormente neste mesmo trabalho. Uma realidade em que a cor, a sexualidade, o gênero e a classe social dos indivíduos são determinantes para ter ou não sua vida interrompida, precisa passar por um processo imediato de desconstrução de determinados conceitos estruturalmente aceitos. Como já dito anteriormente, o Hardcore brasileiro se preocupa com todas essas categorias, e a banda de Washington G.L.O.S.S., em sua música homônima, deixa claro sua insatisfação com o preconceito exercido em duas dessas categorias: a sexualidade e a identidade de gênero:

Eles nos disseram que éramos meninas
Como falamos, nos vestimos, parecemos e choramos
Eles nos disseram que éramos meninas
Então, nós reivindicamos nossas vidas femininas
Agora eles nos dizem que não somos meninas
Nossa feminilidade não se encaixa
Nós somos garotas do futuro vivendo fora da merda da sociedade!
Nós somos do futuro, não do passado
Vivemos do nosso próprio jeito, e não do jeito da merda da história
Não vamos reencenar nem performar seu hardcore
O canhão hetero é um tédio real
O futuro, veados e femmes!

(G.L.O.S.S, “G.L.O.S.S (We’re from the Future)”, 2016)

Pautando suas letras sobre as suas próprias subjetividades, a banda carioca Clava lançou, em 2021, o EP “Declaração de Guerra dos Condenados da Terra”. Straight-Edge, anti racismo e anti-neocolonialismo são os principais temas abordados pelas músicas presentes no disco. É o que era de se esperar, ao lançar uma obra com o nome do livro do famoso filósofo pan-africanista Frantz Fanon. Alex, compositor e vocalista do grupo, em entrevista concedida afirma:

O Brasil, América do Sul, a África e alguns países asiáticos ainda sofrem com o subdesenvolvimento. Então a gente aspira por esse lugar. A gente aspira, sonha e luta por um momento que a gente vai conseguir ser se

autodeterminar. A gente acredita na ampla determinação e na nossa autonomia, e em nós mesmos decidirmos o que que a gente quer. Não só ser produtor de mão de obra e matéria-prima, tá ligado? A gente quer produzir tecnologia e valorizar a tecnologia que já era empregada aqui antes da colonização, *tá ligado mano?* (ALEX, entrevista concedida pela banda Clava, 17/08/2022)

A banda possui letras bastante intelectuais que, de fato, questionam as categorias hegemônicas no seu mais micro fragmento, a produção simbólica de significados. Em sua música “O Devir-Negro do Mundo”, Clava demonstra um forte domínio consciente das filosofias linguísticas para questionar as estruturas coloniais e imperialistas em prol do anti racismo:

Este é o devir-negro do mundo
A declaração de guerra dos condenados da terra
À recusa
À revolta
Transpor
A estrutura simbólica do colonizador
O fim de um mundo,
Um ciclo que se encerra
Dará início a uma nova era
Aqueles que saíram da grande noite não temem mal algum,
Por isso, não há poder que os controle.
Vai ruir
Suas tradições obsoletas
Ruirão frente a tudo que minha vontade anseia
Daqui pra frente o que será
Daqui pra frente o que esperar
Além da clava negra
Rubra do que outrora fora vida
Que momento melhor do que agora?
Que lugar melhor do que aqui?
O devir-negro do mundo.

(CLAVA, “O Devir-Negro do Mundo”, 2021)

Por último, mas com certeza, não menos importante, o Hardcore-Punk também têm se mostrado um grande aliado das lutas feministas e anti misóginas no Brasil nos últimos anos. É importante falar que bandas como a Bulimia, Klitoria, Texuga, entre outras com protagonismo feminino, assim como as bandas “Queercore”, demoraram para conseguirem se estabelecer dentro do cenário do Hardcore brasileiro e internacional. Porém, a presença de mulheres sempre foi uma realidade nesse movimento. Trago aqui a letra da música “Punkrock”, presente no disco “Se Julgar Incapaz Foi o Maior Erro Que Cometeu”, da banda de Hardcore-Punk feminista Bulimia:

O que te impede de lutar?
O que te impede de falar?
Pare de se esconder

Você não é pior que ninguém
Punk Rock não é só pro seu namorado
Você sempre quis tocar
Você sempre quis andar de skate
Você que sempre quis, quis, quis
Você não é um enfeite
Faça o que tiver vontade
Mostre o que você pensa
Tenha a sua personalidade
Não se esconda atrás de um homem

(BULIMIA, "Punkrock", 1999)

É visível, através das canções aqui apresentadas, que o Hardcore-Punk possui uma inestimável relevância para a produção de identidades subversivas. O seu potencial de ruptura das "estruturas simbólicas do colonizador" é muito alto, e com certeza merece uma visibilidade maior do que a alcançada muitas vezes pelas bandas do cenário. Para se ter uma noção, a banda Dead Fish, que é por muitos considerada a banda mais conhecida do cenário nacional de Hardcore, não possui nem meio milhão de ouvintes mensais na plataforma de streaming musical mais utilizada do mundo.

Expandir os horizontes de significação das identidades é o maior comprometimento assumido por bandas que escolhem se cancelar como Hardcore. O trabalho realizado por estes artistas é de extrema importância não apenas para as lutas anti hegemônicas, mas também para a autoestima de seus ouvintes, que encontram na comunidade com outros ouvintes o conforto de saber que o sofrimento provido pelo capitalismo é fruto de estruturas muito maiores do que a simples agência pessoal. No capitalismo, para as pessoas de classes menos abastadas, o desemprego, a escassez de recursos para os sistemas de educação, saúde, cultura e qualquer outro recurso que deveria ser garantido pelo estado como um direito básico do cidadão não é um mero descaso, é um projeto.

Referências bibliográficas:

American Hardcore Roteiro: Steven Blush Estúdio: AHC Productions LLC/ Envision Films
Produção: Steven Blush, Paul Rachman Fotografia: Paul Rachman Ano: 2006 País: EUA
Gênero: Documentário. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WHynnXO6ldQ>>
29/11/2023.

Botinada: a origem do punk no Brasil, dirigido por Gastão Moreira e lançado pela ST2 vídeo, em 2006. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=trIXkc003k&t=738s>>
29/11/2023.

BRANDÃO, Leonardo. MACHADO, Giancarlo. Uma cultura corporal anárquica: a influência do Punk na prática do Skate. BLUMENAU e MONTES CLAROS: FURB e UNIMONTES, 2021.

CAIAFA, Janice. Movimento Punk nas cidades: a invasão dos bairros sub. RIO DE JANEIRO: Jorge Zahar Ed., 1985.

GALLO, Ivone. Por uma historiografia do Punk. SÃO PAULO: PUC, 2010.

GAZOLLA, Bruno. Subvertendo a ordem burguesa na música e na arte: a revolução musical do Punk Rock SÃO PAULO: PUC, 2013. (Monografia – Pós-Graduação – Lato Sensu)

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.

HALL, Stuart. (p.131 - 246) Estudos Culturais: dois paradigmas. In: _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org.) Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. A cena alternativa do Hardcore: cultura e política. In: _____. Vozes destoantes na história recente da música popular brasileira: política, rape hardcore. UBERLÂNDIA: UFU, 2008/2009.

SALVAGNI, J.; et all. Movimento Hardcore: associativismo e contracultura na construção da identidade. Revista Eletrônica Interações Sociais - REIS / FURG, Rio Grande, v.5, n. 1, p. 199-221, jan.-jul. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. "A produção social da identidade e da diferença". IN: SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 73-102.